

MATEUS 11.14 — *Jesus disse que João Batista era Elias reencarnado?*

Em http://www.hermeneutica.com.br/estudos/mateus11_14.html, sob igual título, lemos matéria onde se afirma que João, o batista, não foi Elias reencarnado. No final do referido texto é informado que ele foi extraído do Livro "*Respostas às Seitas - Um Manual Popular Sobre as Interpretações Equivocadas das Seitas*" - Norman L. Geisler e Ron Rhodes.

Inicialmente, esclarecemos que as partes constantes do texto sob comentário foram transcritas do original mediante a utilização das teclas "ctrl+c" e "ctrl+v" e estão sombreadas.

Referida matéria começa assim:

MATEUS 11.14 — Jesus disse que João Batista era Elias reencarnado?
A MÁ INTERPRETAÇÃO: Jesus refere-se aqui a João Batista como "o Elias que havia de vir" (confira Mt 17.12; Mc 9.11-13). Mas uma vez que Elias havia morrido há muitos séculos antes dessa ocasião, alguns reencarnacionistas têm alegado que João deve ter sido uma reencarnação de Elias.

Pedimos a atenção para a afirmação dos autores da matéria de que "Elias havia morrido há muitos séculos antes dessa ocasião..." Isso porque mais adiante eles afirmam, novamente, em outro tópico, que Elias "já havia vivido e morrido" e noutro eles dizem "...pois ele não morreu. Ele foi tomado e levado ao céu do mesmo modo que Enoque, que "não viu a morte" (2 Rs 2.11; conf. Hb. 11.5)." Afinal: Elias morreu ou não?...

Vamos aos nossos comentários.

Como o leitor poderá notar, os autores da matéria, ao citarem "Mateus 11.14", transcrevendo parcialmente o versículo, na parte que não poderá interferir no entendimento por eles pretendido no texto sob comentário, demonstram a intenção de deslocar de João para Elias o núcleo do fato por eles enfocado. E isso pode ser verificado facilmente pela leitura de Mateus 11,13-15, onde consta:

"13 Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. 14 E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. 15 Quem tem ouvidos para ouvir ouça."

Veja o leitor que Jesus afirma que João é Elias e ainda enfatiza no versículo 15: "*Quem tem ouvidos para ouvir ouça*".

Seguindo, ainda, a sugestão dos autores fomos conferir o que consta em Mateus 17,12 e em Marcos 9,11-13 e constatamos que referidos textos se referem ao diálogo de Jesus com seus discípulos Pedro, Tiago e João, logo após o fenômeno da transfiguração, em que o Mestre afirma a eles que Elias já veio e não o reconheceram. Mas, o interessante nessas duas citações é que os autores, na citação relativa a Mateus, apenas mencionam o versículo 12 (o penúltimo da narrativa do diálogo), em que é dito que Elias já havia vindo, e "esqueceram-se" de citar o versículo seguinte (13), onde é dito: "*Então entenderam os discípulos que Ihes falara de João Batista*". Aqui, fazemos uma perguntinha: Será que é pelo fato de que nele está dito que os autores se "esqueceram" de citá-lo?

Ora, se os autores não hesitam em omitir textos para chegarem a uma interpretação que lhes convém, como podem pretender alegar que o entendimento dos reencarnacionistas decorre de má interpretação? Nesse caso, perguntamos: E o

entendimento deles, a respeito do assunto, decorre de má interpretação ou de má-fé?

E os autores continuam:

CORRIGINDO A MÁ INTERPRETAÇÃO: Existem muitas razões pelas quais esse verso não oferece qualquer suporte à visão oriental, ou da Nova Era, sobre a reencarnação.

Mesmo que fosse possível mostrar essa passagem como uma referência a Elias ter reencarnado em João Batista, ainda se trataria de uma reencarnação muito diferente daquela que é pregada pelas seitas da Nova Era: 1) Se isso fosse verdade, seria uma reencarnação única, e não seguiria o modelo de reencarnações infindáveis como pregado pelas religiões orientais; 2) Se isso fosse verdade, teria ocorrido no contexto teísta e não na visão panteísta de mundo; 3) Não haveria o conceito de karma, através do qual essas seitas dizem que uma pessoa se reencarna para ser punida pelo que aconteceu em uma existência prévia. Ora, dificilmente o fato de retornar como o maior profeta que precedeu Jesus teria sido um castigo para Elias (Mt 11.11).

Contudo, não é necessário entender essa passagem como uma reencarnação literal de Elias. Existem várias indicações no próprio texto de que ela significa simplesmente que João ministrou no espírito e poder de Elias. Em primeiro lugar, João e Elias não tiveram o mesmo ser — eles tiveram a mesma função. Jesus não estava ensinando que João Batista fosse literalmente Elias, mas apenas que ele veio "no espírito e virtude de Elias" (Lc 1.17), com o fim de dar continuidade ao ministério profético de Elias.

Nesse bloco, na primeira parte, os autores dizem existir muitas razões para afirmar que Mt. 11,14 *"não oferece qualquer suporte à visão oriental, ou da Nova Era, sobre a reencarnação."*; entretanto, não apresentam uma "razão" sequer.

Já na segunda parte, ainda que não admitam explicitamente a reencarnação, parece que, implicitamente, os autores a admitem, pois, ao apresentarem suas "razões", dizem: *"Mesmo que fosse possível mostrar essa passagem como uma referência a Elias ter reencarnado em João Batista, ainda se trataria de uma reencarnação muito diferente daquela que é pregada pelas seitas da Nova Era:"*, complementando:

"1) Se isso fosse verdade, seria uma reencarnação única, e não seguiria o modelo de reencarnações infindáveis como pregado pelas religiões orientais;"

Com relação a esse item, embora possa parecer irreverente o que vamos dizer, não resistimos; em nosso tempo de criança, quando alguém negava ter praticado algum ato igual àquele que já houvera praticado antes, os mais velhos diziam: "cesteiro que faz um cesto faz um cento". Logo, se houve uma reencarnação, por que não pode haver a possibilidade de novas, já que decorre de uma ação criativa de Deus? Aí vem a dúvida: será que Deus seria tão esbanjador para criar uma coisa para aplicação única, enquanto os exemplos estão aí de que tudo o que Ele criou se repete? Como exemplo, tomemos o dia, a noite e o ano (Gn 1:5-14); o resto, pela repetição destes, semana, mês, século etc., foi invenção do homem, visando medir o tempo. Assim, como os próprios autores admitem a possibilidade da reencarnação, ainda que uma só vez, como eles mesmos podem pretender afirmar que não existe reencarnação? Como podemos ver, para eles tudo vale em defesa dos dogmas e, também, dos interesses sectários, coisas que os espíritas não praticam e nem aprovam.

"2) Se isso fosse verdade, teria ocorrido no contexto teísta e não na visão panteísta de mundo;"

Com relação a esse item, devemos, primeiramente, recorrer ao nosso amigo

dicionário para ver os verdadeiros sentidos dos adjetivos “teísta” e “panteísta” e dos respectivos substantivos a que eles se relacionam; vejamos o que consta na Enciclopédia Koogan-Houaiss Digital:

TEÍSTA adj. Relativo ao teísmo. / — S.m. Partidário do teísmo.

TEÍSMO s.m. Doutrina que afirma a existência pessoal de Deus e sua ação providencial no mundo.

PANTEÍSTA adj. Que diz respeito ao panteísmo. / - s.m. e s.f. Partidário do panteísmo...

PANTEÍSMO s.m. Crença de que Deus e todo o universo são uma única e mesma coisa e que Deus não existe como um espírito separado.

Como o leitor poderá notar, “o contexto” teísta, aqui utilizado pelos autores, está no sentido de que Deus é uma “pessoa”, enquanto a “visão” panteísta está no sentido de que Deus é tudo o que está no universo.

Daí, perguntamos: ONDE É QUE O FATO DE DEUS SER UMA PESSOA (contexto teísta) OU ESTAR EM TODO O UNIVERSO (visão panteísta), PODERÁ INTERFERIR NA EXISTÊNCIA OU NÃO DA REENCARNAÇÃO?

Aqui, aplica-se muito bem o que dizia nosso antigo comandante de esquadrilha, na EPCAR, em Barbacena: “explica, mas não justifica”...

“3) Não haveria o conceito de karma, através do qual essas seitas dizem que uma pessoa se reencarna para ser punida pelo que aconteceu em uma existência prévia. Ora, dificilmente o fato de retornar como o maior profeta que precedeu Jesus teria sido um castigo para Elias (Mt 11.11).”

Pelo que os autores disseram nesse tópico, eles estão querendo levar o leitor a um entendimento de que só existe carma negativo, isto é, que só se aplica a lei do carma, como se fora um castigo. Entretanto, o carma tanto pode ser negativo (castigo) quanto positivo (prêmio). Vejamos o que diz o dicionário:

“Carma – Rubrica: filosofia, religião. no hinduísmo e no budismo, lei que afirma a sujeição humana à causalidade moral, de tal forma que toda ação (boa ou má) gera uma reação que retorna com a mesma qualidade e intensidade a quem a realizou, nesta ou em encarnação futura...”

Primeiramente, é preciso deixar claro que a finalidade da reencarnação é o progresso do Espírito e não a punição dele; é a mesma coisa que o processo de educação adotado pelas escolas, indo do jardim-de-infância até o curso superior, mestrado, doutorado etc., não sendo a promoção ao grau seguinte um prêmio, nem a reprovação um castigo; cada um recebe o que merece ou, biblicamente dizendo: “a cada um de acordo com suas obras” (Mt 16,27); aproveita-a o Espírito para tentar quitar seus débitos perante a justiça divina, o que é bem diferente. Mas, para esclarecer àqueles que pensam como os autores, vamos considerar que o carma tanto se aplica a um castigo como a um prêmio; vai depender só do comportamento que o indivíduo tiver na sua existência terrena. Assim, contrariando o ponto de vista dos autores, podemos concluir que o carma tanto se aplica a um castigo como a um prêmio; dependerá apenas dos atos praticados pelo espírito em encarnações anteriores.

Para comprovarmos a nossa afirmação dentro do contexto bíblico, vamos recorrer ao que diz um dos textos relativos a Elias que, para nós, confirma a aplicação da hipótese do carma positivo, contrariando o ponto de vista dos autores.

1Reis 18:40 informa que Elias degolou os profetas de Baal, no riacho de Quisom, num total de 450, nos termos do disposto no versículo 22 desse mesmo capítulo 18, o que confirma a dedução dos autores no sentido de que “*dificilmente o fato de retornar como o maior profeta que precedeu Jesus teria sido um castigo para Elias*”, já que a pessoa que pratica um ato desse jaez – degolar 450 pessoas –

difícilmente poderia ter sido portadora de um espírito superior ao da pessoa considerada como sua reencarnação, no caso João. Entretanto, os autores estão certos apenas em decorrência da constatação desse ato praticado por Elias, pois o espírito que encarnou como Elias também deveria ter seus méritos para vir reencarnado como aquele que os autores do texto sob comentário consideram como o maior profeta que precedeu Jesus. Isso porque Deus, através do profeta Malaquias, disse: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR". (Ml 4,5 ou 3,22 conforme a versão) E Deus não enviaria um espírito para desempenhar a função de maior profeta que antecedeu Jesus, se esse espírito não tivesse mérito suficiente para tal. E mais: cotejando-se esse versículo com Mt 11,10, verificar-se-á que o que é dito neste nada mais é do que a confirmação da profecia de Malaquias. E o próprio Jesus faz essa afirmação no versículo 14 do mesmo Capítulo 11 de Mateus. Logo, qualquer hipótese que se levante visando contrariar o entendimento de que João é Elias, fatalmente implicará na absurda conclusão de que Deus nos enganou, já que prometeu enviar Elias e enviou outro profeta, e de que Jesus mentiu, pois afirmou que João é Elias, enquanto os autores afirmam o contrário. Nesse caso, a razão estará com os autores ou com Jesus? Responda quem quiser e puder.

Para complementar nosso entendimento sobre esse tópico, vamos transcrever o texto de Mt 11,11, citado como justificativa do ponto de vista por eles defendido: "11 Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu outro maior do que João, o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele." (destacamos) Pelo que pudemos deduzir desse texto, os autores estão utilizando um grande sofisma, referindo-se à lei do carma, que eles tanto condenam, para justificar que *"difícilmente o fato de retornar como o maior profeta que precedeu Jesus teria sido um castigo para Elias."* Ora, a afirmação de Jesus, objeto do nosso destaque na transcrição acima, *"o menor no reino dos céus é maior do que ele"*[João], contraria totalmente a afirmação dos autores, já que, segundo o ponto de vista por eles defendido, o espírito que encarnou como Elias não seria superior ao que reencarnou como João, o que coincide com o nosso entendimento, pois ambos, Elias e João, são reencarnação do mesmo espírito e, por conseguinte, um não pode ser maior do que o outro. Entretanto, como Elias foi enviado por Deus, conforme prometido em Malaquias, e como os próprios autores afirmam que ele, Elias, "foi tomado e levado ao céu do mesmo modo que Enoque, que 'não viu a morte' (2 Rs 2.11; conf. Hb. 11.5)", fatalmente, Elias teria que ter vindo do céu; portanto, como veio de lá (reino dos céus), e conforme o raciocínio dos autores, obrigatoriamente teria que ser superior a João, de acordo, repetimos, com o ponto de vista deles; isto, em decorrência das palavras de Jesus em Mateus 11,11. E como para os dogmáticos não existe o impossível para Deus, muito menos deverá existir o difícilmente. Logo, pelo próprio raciocínio dos autores, poder-se-á concluir que Elias teria sido superior a João, justificando como um castigo a reencarnação de Elias como João, de acordo com o ponto de vista dos autores, repetimos mais uma vez.

Assim, com relação a esse tópico, podemos afirmar que a comprovação da lei do carma, aventada pelos autores, que preferimos chamá-la de lei de causa e efeito, ou lei de ação e reação, se dá com a reencarnação, como João, do mesmo espírito que anteriormente reencarnou como Elias, tanto sob o aspecto de carma positivo (nascendo como o maior profeta que precedeu Jesus), como também sob o aspecto de carma negativo (morrendo degolado, porque matou degolando). E não vale alegar-se, no caso, que o "olho por olho, dente por dente" foi abolido por Jesus, com o que, em princípio, até poderíamos concordar; apenas discordamos em função do momento, pois o próprio Jesus diz em Lucas 16,16 que "A lei e os profetas vigoraram até João". Não é muita coincidência vigorar até João...?!

Logo, desculpe-nos pela repetição, a reencarnação de Elias como João, e sua morte por degolação, é o exemplo típico da lei do carma ou, como preferimos, da lei de causa e efeito, ou, ainda, da lei de ação e reação, já que a sua vinda, e vida, novamente como profeta (agora como o maior que precedeu Jesus, nas palavras dos

próprios autores) foi um prêmio e a sua morte por degolação foi um castigo; esta última coincidindo com o ponto de vista dos autores, que só admitem o carma negativo. Assim, insistimos, a reencarnação de Elias como João, pelo que se vê dos textos bíblicos, é o exemplo típico da incidência simultânea da lei do carma (lei de causa e efeito ou lei de ação e reação), tanto sob o aspecto positivo - prêmio, quanto sob o aspecto negativo – castigo, ou o famoso bateu levou.

Vamos, agora, à última parte desse bloco.

Nela, dizem os autores:

“Contudo, não é necessário entender essa passagem como uma reencarnação literal de Elias. Existem várias indicações no próprio texto de que ela significa simplesmente que João ministrou no espírito e poder de Elias. Em primeiro lugar, João e Elias não tiveram o mesmo ser — eles tiveram a mesma função. Jesus não estava ensinando que João Batista fosse literalmente Elias, mas apenas que ele veio “no espírito e virtude de Elias” (Lc 1.17), com o fim de dar continuidade ao ministério profético de Elias.”

Apesar dos autores dizerem no início desta última parte que *“não é necessário entender essa passagem como uma reencarnação literal de Elias.”*, informando eles que no próprio texto existem várias indicações de que essa passagem significa que *“João ministrou no espírito e poder de Elias.”*, vamos considerar que eles pretenderam dizer que João exerceu função idêntica à de Elias, função essa que seria a de profeta. Isso porque eles afirmam que *“João e Elias não tiveram o mesmo ser — eles tiveram a mesma função.”* (negrito nosso) Ora, é aqui que, para nós, está a falha na interpretação deles, em virtude da inversão do foco, já que *“O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita”*. (Jo 6,63) Aceitando-se o que dizem os autores, de que *“João e Elias não tiveram o mesmo ser”* a dedução a que se chega é que o corpo é que dá vida ao espírito, contrariando, portanto, a Bíblia e, por consequência, a palavra de Deus, conforme os bibliólatras a consideram. Em seguida, eles afirmam que *“Jesus não estava ensinando que João Batista fosse literalmente Elias, mas apenas que ele veio “no espírito e virtude de Elias” (Lc 1.17), com o fim de dar continuidade ao ministério profético de Elias.”* Como eles utilizam bastante as palavras *“literal”* e *“literalmente”*, perguntamos: Jesus, ao dizer em Mateus 11: *“13 Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. 14 E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. 15 Quem tem ouvidos para ouvir ouça.”*, literalmente Ele disse o que? Ou será necessário dizermos que Jesus, **literalmente**, afirma que João é Elias?

E eles continuam *“corrigindo”* a *má interpretação*, segundo eles:

Em segundo lugar, os discípulos de Jesus compreenderam que Ele estava falando a respeito de João Batista, uma vez que Elias apareceu no monte da transfiguração (Mt 17.10-13). Como o profeta nessa ocasião já havia vivido e morrido, e uma vez que Elias ainda possuía o mesmo nome e a sua própria consciência, é óbvio que Elias não havia reencarnado em João Batista.

Em terceiro lugar, Elias não se enquadra no modelo proposto pelos defensores da reencarnação, pois ele não morreu. Ele foi tomado e levado ao céu do mesmo modo que Enoque, que *“não viu a morte”* (2 Rs 2.11; conf. Hb. 11.5). De acordo com a crença tradicional das seitas a respeito da reencarnação, uma pessoa precisa primeiramente morrer antes que possa ser reencarnada em outro corpo.

Com relação a esse bloco, pedimos a atenção do leitor para o fato dos autores se contradizerem, já que, no primeiro desses dois tópicos, informam que Elias morreu; já no segundo, afirmam que Elias não morreu e que *“Ele foi tomado e levado ao céu do mesmo modo que Enoque”*...

Afinal, Elias morreu ou não morreu?!

Para não ficarmos só na contradição, vamos às suas alegações, tópico a tópico. Quanto ao primeiro, fazemos a seguinte indagação: por que os discípulos de Jesus (Pedro, Tiago e João), presentes no momento da ocorrência do fenômeno da transfiguração, ao descerem do monte compreenderam que Jesus lhes falara a respeito de João Batista? Respondemos: simplesmente porque eles tinham conhecimento da existência da reencarnação, só que com outro nome – ressurreição, conforme se depreende da pergunta por eles feita a Jesus (Mt 17,10) e, em virtude da resposta dada (Mt 17,11-12), eles terem compreendido que Jesus lhes falava de João Batista (Mt 17,13). Quanto à parte final desse tópico, em que os autores afirmam, de modo capcioso, que *“o profeta nessa ocasião já havia vivido e morrido, e uma vez que Elias ainda possuía o mesmo nome e a sua própria consciência, é óbvio que Elias não havia reencarnado em João Batista.”*, temos a esclarecer que essa colocação só seria válida se João ainda estivesse vivo no momento da transfiguração, pois, nesse caso, o espírito não poderia estar, ao mesmo tempo, encarnado como João e desencarnado como Elias; não é claro? Logo, só nessa hipótese (João ainda vivo) é que o entendimento dos autores poderia estar correto. Além do mais, como, no caso, o espírito é o mesmo, tanto ele poderia apresentar-se como Elias quanto como João ou como qualquer personagem que ele tenha se encarnado anteriormente.

Já em relação ao segundo tópico, cabe-nos fazer um esclarecimento quanto ao que os autores afirmam que Elias não morreu e que *“Ele foi tomado e levado ao céu”*...: ao que parece, Elias era dado a se movimentar de um lado para outro, repentinamente, como se pode ver dos diálogos entre Obadias (ou Abdias, conforme a versão) e Elias, quando do encontro dos dois, e entre os filhos dos profetas, que estavam em Jericó, e Eliseu, após o arrebatamento de Elias, respectivamente narrados em 1Reis 18,7-12 e 2Reis 2,11-16; em 1Reis 18,12 é dito: *“E poderia ser que, apartando-me eu de ti, o Espírito do Senhor te tomasse, não sei para onde, e, vindo eu a dar as novas a Acabe, e não te achando ele, me mataria; porém eu, teu servo, temo ao Senhor desde a minha mocidade.”*; e em 2Reis 2,16: *“E disseram-lhe: Eis que com teus servos há cinqüenta homens valentes: ora deixa-os ir para buscar a teu senhor; pode ser que o elevasse o Espírito do Senhor, e o lançasse nalgum dos montes, ou nalgum dos vales. Porém ele disse: Não os envieis.”* Como podemos ver, se em relação a Elias o fenômeno dos “arrebatamentos” não ocorresse com frequência não teria havido narração dessas duas passagens, principalmente a de 1Reis 18,12, em que Obadias teme seja Elias arrebatado (levado para outro local); é apenas uma questão de lógica; não é? Ainda quanto ao fato de que Elias não morreu: pelo que nos consta, Deus jamais criou alguma coisa inútil ou injusta, pois até seu filho unigênito não escapou da morte. Assim, alegar que outros teriam dela escapado, como se pretende em relação a Elias, mesmo este sendo profeta, é querer trazer Deus ao baixo nível dos humanos; não é?! E não vale a alegação de que *“são mistérios de Deus”*...

Por último, mais uma vez pedimos a atenção do leitor para o fato de que, no primeiro tópico deste bloco, e no primeiro bloco da matéria aqui enfocada, os autores afirmam que Elias morreu. Ora, se para tentar alegar a ocorrência de uma *“má interpretação”* por parte dos reencarnacionistas eles, por duas vezes, afirmam que Elias morreu, como, do segundo tópico deste bloco, eles dizem que Elias não morreu?! Como o leitor poderá notar, não se trata de má interpretação dos reencarnacionistas mas, sim, de possível má-fé deles, autores. Desculpe-nos pelo cacófato.

Em quarto lugar, essa passagem deve ser compreendida à luz dos ensinamentos claros das Escrituras, que são contrários à reencarnação. Hebreus 9.27, por exemplo, declara: *“E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo”* (confira Jo 9.2).

É impressionante como os antireencarnacionistas procuram arranjar desculpas (porque não se pode chamar esse tipo de afirmação de argumento), para combater a existência da reencarnação, a ponto de utilizarem uma única passagem (Hb 9:27)

contida em um texto cujo autor nem se sabe o nome e acima de tudo mentiroso, pois, enquanto nessa passagem é dito que só se morre uma vez, existem três outras nos Evangelhos contradizendo-a e mostrando duas mortes de cada uma das três pessoas ressuscitadas a seguir mencionadas: o filho da viúva de Naim; a filha de Jairo e Lázaro... Além do mais, pretendem contrapor esse texto de autoria desconhecida a um outro cujo autor é, "apenas", o filho unigênito de Deus, que diz, com todos os "efes e erres", em Mateus 11,13-15: "13 Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. 14 E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. 15 Quem tem ouvidos para ouvir ouça." Nesse ponto, preferimos concordar com o que diz Jesus, do que aceitar o entendimento de quem diz que Jesus quis dizer isso ou aquilo. Será que o leitor também não concorda conosco? Além do mais, como sabemos, o corpo é que morre e não o espírito, pois, se assim não fosse, não haveria essa discordância quanto ao fato de haver ou não ressurreição, no sentido em que hoje ela é entendida – reencarnação. Isso porque, quando se morre, o corpo se decompõe nos elementos químicos que o formaram e o mantiveram durante o período em que servia como habitação do espírito na dimensão em que vivemos; já o espírito (o eterno estudante) permanece "vivinho da silva" para continuar seu aprendizado, de encarnação em encarnação, repetindo algumas experiências e vivenciando novas, como um aluno que passa de ano e deixa matérias em recuperação (ou dependência). E aqui, achamos, cabe perfeitamente o "*vindo, depois disso, o juízo*", para serem avaliadas quais as matérias (tarefas) que, parcial ou totalmente, foram superadas, as que necessitam, total ou parcialmente, ser repetidas pelo espírito e as novas que podem ser assumidas em futuras encarnações.

Ainda, por sugestão dos autores, fomos conferir o que diz Jo 9,2, e lá constatamos:

"2 Perguntaram-lhe seus discípulos: Mestre, quem pecou para que este homem nascesse cego, ele ou seus pais?",

passagem essa relativa à cura do cego de nascença. Ora, para nós, espíritas, essa passagem é justamente uma das que nos induzem a acreditar na existência da reencarnação, já que, para que uma pessoa possa ter nascido cega por causa de um pecado cometido por ela, obrigatoriamente, essa pessoa terá que ter vivido antes, para ter cometido o pecado que a ela se atribui. Embora a resposta de Jesus seja importante para demonstrar que há vidas (encarnações) que podem servir de exemplo, como nesse caso, em que o espírito vem como voluntário em uma missão relevante, o mais importante para uma interpretação lógica sobre o assunto é a pergunta; isso porque, pelo modo que ela foi formulada, fica claro que também os discípulos acreditavam em vida anterior e na lei do carma (lei de causa e efeito); caso contrário, a pergunta ficaria sem sentido. Em abono ao nosso entendimento, ressaltamos a passagem narrada nos versículos 5 a 14 do capítulo 5 de João, em que é dito que Jesus curou um homem – enfermo por 38 anos – e logo depois, ao encontrá-lo no templo, disse-lhe: '*Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior.*' Será que essa recomendação de Jesus não explicita a lei do carma?!

Finalizando, esclarecemos que, a exemplo dos autores, concordamos com os *ensinos claros das escrituras*; apenas ressalvamos que preferimos seguir os ensinamentos de Jesus a aceitar aqueles cuja autoria não conhecemos, como no caso da Epístola aos Hebreus, ainda que faça parte do texto bíblico.

Por último, agradecemos ao "site" HERMENEUTICA a oportunidade que nos propiciou com a publicação do texto sob comentário, pois nos fez recordar e reler a Bíblia, ainda que em parte, o que serviu um pouco mais para sedimentação do nosso aprendizado.

JOÃO FRAZÃO DE MEDEIROS LIMA